

ENTREVISTA: NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE: MULHERES TECENDO RESISTÊNCIAS E LUTAS POR MORADIA DIGNA E DIREITO À CIDADE EM SALVADOR

Adriana Nogueira Vieira Lima
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS);
Universidade Federal da Bahia (UFBA), BA, Brasil

Any B. L. Ivo
Universidade Federal da Bahia (UFBA), BA, Brasil.

Laila Nazem Mourad
Universidade Católica de Salvador (UCSAL), BA, Brasil.

Lysie Reis
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), BA, Brasil.

Thaiana de Souza Valverde
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), RJ, Brasil.

Informações da entrevista

Recebido em 03/10/2023

Aceito em 31/10/2023

doi>: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2023.n259.p172-192>

Copyright (c) 2023 by Adriana Nogueira V. Lima, Any B. L. Ivo,
Laila N. Mourad, Lysie Reis, Thaiana de S. Valverde.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](#).

Você é livre para:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer meio ou formato.

Adaptar — remixar, transformar e construir sobre o material para qualquer finalidade, mesmo comercialmente.

Como ser citado (modelo ABNT)

LIMA, Adriana N. V.; IVO, Any B. L.; MOURAD, Laila N.; REIS, Lysie; VALVERDE, Thaiana de S. Entrevista: Nossos passos vêm de longe: mulheres tecendo resistências e lutas por moradia digna e direito à cidade em Salvador. **Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades**. Salvador/Recife, v. 48, n. 259, p. 172-192, maio/ago. 2023. DOI: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2023.n259.p172-192>.

Resumo

Entrevista realizada pelas organizadoras do Dossiê *Formas periféricas de morar: violências, insurgências e regulações*, Adriana N. V. Lima; Any B. L. Ivo; Laila Mourad; Lysie Reis; Thaiana Valverde, em 5 de agosto, de 2023, na sede do Centro de Educação e Assistência Social – CEAS, com as mulheres da Gamboa. Encontro pensado como uma roda de conversa estruturada entre mulheres dos movimentos de luta por moradia na cidade de Salvador. Os depoimentos expressam a amplitude da questão do morar para essas mulheres, colocando em xeque o sentido mais direto e limitado que a palavra moradia carrega; as vivências nas lutas por moradia abarcam muito mais do que a “casa”; falar da moradia é falar de muito mais que “as quatro paredes e um teto”.

Palavras-chave: Sem Teto. Moradia em Salvador. População de rua. Resistência e luta. Mulheres.

5 de agosto, um sábado, pela manhã, aos poucos fomos chegando na sede do CEAS. Na varanda, um farto café da manhã feito pelas mulheres da Gamboa que nos aguardava. Esse encontro foi pensado como uma roda de conversa entre mulheres dos movimentos de luta por moradia na cidade de Salvador. Entre uma xícara e outra, muitas conversas rolaram nesse café da manhã coletivo.

Responsáveis por organizar o presente dossiê, entendíamos a importância de registrar as vivências, experiências, desafios e expectativas dessas reconhecidas lideranças femininas pelo direito à moradia em Salvador, quando as suas histórias de vida são indissociáveis às suas trajetórias de lutas, cotidianamente travadas. As expectativas eram enormes, como a vontade de partilha entre mulheres, tendo como maior preocupação o tempo disponível – com certeza, seria escasso frente ao desejo de fala partilhada.

A dinâmica estruturada previa uma “abertura” mais lúdica com a poesia Vozes-mulheres de Conceição Evaristo, seguida por uma rodada de apresentações e algumas “perguntas” orientariam as falas. Logicamente que os depoimentos extrapolam em muito as perguntas, ou num outro sentido, possivelmente expressam a amplitude da questão do morar para essas mulheres, colocando em xeque o sentido mais direto e limitado que a palavra moradia carrega, ou seja, demonstra que as vivências nas lutas por moradia abarcam muito mais do que a “casa” e que falar da moradia é falar de muito mais que “as quatro paredes e um teto” ou a unidade habitacional.

A entrevista ora apresentada é um “fuxico”, uma “colcha de retalho” dessas falas, estruturado pelas perguntas, mas também por outras dimensões do morar que apareceram espontaneamente e que nos faz repensar e expandir o morar e a moradia.

Para conhecer um pouco das lideranças entrevistadas clique em seus nomes:

Ana Caminha: liderança da Gamboa de Baixo e Articulação de Comunidades e Movimentos do Centro Antigo de Salvador

Juliana Santos: Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB) e Coletivo Guerreiras Sem Teto

Luciana Silveira de Mello: Grupo de Mulheres do Alto das Pombas - GRUMAP

Marli Carrara: Membro da Coordenação da União Nacional por Moradia

Maura Cristina da Silva: Coordenadora Estadual do Movimento dos Sem Teto da Bahia (MSTB) e Articulação de Comunidades e Movimentos do Centro Antigo de Salvador

Nadjane Cristina Silva dos Santos: Coletivo Incomode e Movimento dos Sem Teto da Bahia (MSTB)

Rita de Cássia Ferreira: Coordenadora Estadual do Movimento dos Sem Teto da Bahia (MSTB)

Sandra Munhoz: movimento de Mulheres LGBTQIA+

Sueli Oliveira: coordenadora nacional do Movimento População de Rua (não foi possível gravar o vídeo de apresentação)

VOZES-MULHERES

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(Conceição Evaristo)¹

CEAS (ENTREVISTADORAS). A necessidade de morar mobiliza as pessoas, comunidades e movimentos para a luta pela moradia e pela permanência em seus territórios. Como foi a chegada de vocês nas organizações de luta pela moradia?

Nadjane. Eu entro no Movimento Sem Teto em 2010. Eu ainda não tinha noção do que era essa luta por moradia até o momento que eu entro na ocupação Paraíso e começo a fazer

¹ EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3.ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

parte de algumas atividades. O CEAS foi uma das primeiras portas na qual cheguei. Não queria vir realmente, eu vim porque eu achei que era necessário, mas foi dentro da luta que eu comecei a me encontrar.

Juliana. Cheguei no movimento em 2006 e estou nessa luta há 17 anos. Iniciei na ocupação Zeferina, conhecida na época como Cidade de Plástico. Iniciei com a formação política do núcleo de educação e cultura com a juventude, onde pude fazer um trabalho com as mulheres no movimento. A partir daí vou estudar, fiz pedagogia e atualmente eu sou professora municipal de Salvador e estou fazendo um mestrado no IFBA, discutindo território e trabalho, a partir da luta das mulheres negras. Sou idealizadora da escola antirracista Carolina Maria de Jesus, que funciona lá na ocupação Marielle Franco (MSTB). Atualmente, eu moro no conjunto do “Minha Casa, Minha Vida”, lá no residencial de Jardim Cajazeira, desde 2010.

Rita. Eu entrei no movimento em 2009. A minha primeira formação política foi aqui, no CEAS. Foi uma “armadilha” que foi feita na época com a companheira Ritinha do GRUMAP. Eu acho que aquela formação me deu um choque de realidade. Hoje estou aqui, fazendo parte da luta, entendendo e pensando nos momentos na nossa vida que a gente precisa olhar o horizonte e entender que a Disneylândia não é ali ao lado. Eu entendo que os trabalhos de formação política são de extrema importância, principalmente para os que estão chegando. Na época, através da formação política, e também da vivência dentro dos territórios, me transformei na pessoa que eu sou hoje. Estou muito feliz de estar aqui com as companheiras. E vamos seguir com elas. Pode falar...

Ana Caminha. A Gamboa de Baixo todos já conhecem: comunidade de pescadores e pescadoras; uma comunidade que está na luta para garantir permanência e resistência naquela localidade. Esse processo começa dentro de mim, desde 92, quando iniciamos realmente o processo de luta da Gamboa. Essa edição do Caderno do CEAS é muito importante, porque vai trazer a nossa fala, nossa história, nossa experiência. Eu fico muito feliz, ainda mais porque vamos partilhar desse momento com pessoas que a gente confia, acredita e juntas nós estamos planejando e articulando uma nova história de resistência, onde a luta racial é central.

Maura. Eu sou moradora de uma ocupação no centro antigo de Salvador - Território disputado. O Centro é um território muito caro para nós, negros, permanecermos. Essas lutas

que nós travamos, dentro do centro antigo, ela é, de fato, quando se vê de frente toda violência. Todas as lutas são importantes, viu companheiras? Mas estar no centro histórico da Bahia, tem uma simbologia absurda para o enfrentamento deste país, porque lá nós reunimos tudo o que há de mais racista. Não é diferente das outras lutas, mas ali a gente TEM racismo! Então, eu estou superfeliz, acho importante que esse dossiê saia de nós! É importante que nós possamos fazer isso, que ninguém fale por nós: nada de nós, sem nós!

CEAS (ENTREVISTADORAS). Qual o sentido que vocês atribuem à moradia? O que é o morar para vocês?

Nadjane. O movimento me mostrou um processo totalmente diferente do que eu achava que era a moradia. Hoje eu entendo que moradia não é só as quatro paredes. Eu entrei na faculdade e também foi um processo perverso, por eu pertencer a uma ocupação, para mim era difícil. E estar neste lugar hoje, construindo esse dossiê, é de extrema importância.

Hoje eu saí da ocupação e estou no conjunto residencial. O processo do Estado é tão perverso, quando coloca famílias dentro de um conjunto habitacional. A gente se empolga, achando que vai receber a moradia, mas não é nada disso. A gente começa a ver a violência, a entender para quem foi construído esse condomínio. É um apartamento de 36 m², com cinco filhos. Você paga taxas altíssimas de água e energia. Quem não trabalha, como é que consegue sobreviver? A gente entende que o residencial, principalmente Paraguari 2, ele foi feito na perspectiva de você vender mesmo para quem tem um poder aquisitivo, por conta dos processos que vem acontecendo: a duplicação da DERBA, a previsão da Rodoviária. Então vai chegar um momento que você vai ter que vender, porque você não consegue subsidiar isso aí.

Marli. A moradia é porta de entrada de todos os demais direitos. Não é dos direitos, é de todos os direitos. Criança não estuda se não tiver casa, não tem saúde se não tiver casa. A casa é importante, porque quem acorda três horas da manhã, com água entrando dentro, pelos fundos, sabe. Casinha é importante, sim. Eu fico indignada quando eu escuto “lá vem o povo que só quer as casinhas”. Então eu acho que as casas, a parede é importante, sim! O teto é importante, sim. Eu acho que é mais do que útero, eu acho que é coração.

A gente, para morar bem, precisa estar em paz com os nossos vizinhos.... e a paz aí não é a paz inventada, não. É poder se sentir segura, quando estou na Estrada Velha do Aeroporto e eu chego, quando subo as curvas da estrada, eu me sinto em casa, porque se o carro quebrar, se eu precisar descer na curva, eu sei que eu ali estou me sentindo segura. Eu nunca pensei em sentir segura no meio do nada, no lugar onde normalmente o motoqueiro passa mais rápido, o carro acelera para fazer as últimas curvas e pegar a Avenida 29 de março. Então, é... se sentir segura, se sentir que você tem referências. É ser acolhida, se sentir morando bem.

Morar bem precisa de teto e precisa de gente igual a gente...de aliado, a gente olhar do lado e isso a gente faz na rua. Para mim, moradia é isso. Por isso que a gente tenta construir com todo sacrifício coletivo, na autogestão, porque a gente acredita que a família que participa da construção da sua casa, ela cria raízes, cria coração por ali. Pode vir a vender, mas ela vai vender, pelo menos, mais caro. Que ali tem suor dela e ali tem sonho dela.

Assim como num país capitalista, todo mundo vende casa, é só alguém chegar em alguém. A casa vale 500.000...O apartamento, você chega e fala "eu te dou um milhão para morar aqui" [...] a primeira coisa que você vai pensar é onde eu vou com esse dinheiro, se eu não vou, se eu não conheço ninguém, se está longe da escola do meu filho. É difícil...isso entra na conta. Se entrar na conta do nosso povo nesse valor que a cidade oferece, a gente já está feliz demais. Não, não vai ficar sonhando que ninguém vai vender. Eu acho que na autogestão não chegou a 10% das 312 famílias venderem as suas casas. A gente acha que garantir, depois de 17 anos, menos de 10% de substituição de família foi em função da autogestão, que não é só um mutirão físico.

Juliana. Acho que pensar na moradia para nós mulheres que fazemos a luta na cidade leva a ampliar a discussão para pensar terra e território. É pensar a moradia no sentido mais completo de respeito aos nossos corpos, reconhecendo que somos pessoas, então o morar vai ter diversos significados, a partir das nossas vivências. Mas acho que o nosso tom político é pensar nessa coisa ancestral, sabe? Quilombola, indígena, moral, no sentido comunitário, da organização comunitária que a gente vai ampliar a dimensão da nossa vivência, para além das paredes – o que eu concordo! Porque é muito importante, porque eu também sou beneficiada do "Minha Casa, Minha Vida", e, assim, eu posso, com todas as críticas ao programa, eu acho que dá para eu fazer uma leitura do que era Juliana antes e depois. Saber

que você tem água na torneira.... Quando morei na ocupação não tinha banheiro, é questão de dignidade, é o mínimo. Mas aí ampliar para o nosso corte, para o lazer, para associação, para a cultura. Eu acho que o mais importante é se sentir segura, saber que está entre os nossos, com todas as divergências que vai acontecer, não só dentro dos espaços do “Minha Casa, Minha Vida” ou nas ocupações, mas estando entre os nossos, todo mundo no mesmo barco. E aí esse morar, eu acho que é viver, viver em comum. É o respeito com o bem viver. Então a gente vem fazendo essa organização dentro das nossas ocupações, dos nossos territórios, como fazer a defesa desse território. Mas é uma defesa a partir da nossa leitura de mundo, da nossa leitura de sociedade, que vai ser muito mais ampla. Tem uma tarefa muito difícil, porque a gente está dentro de uma sociedade machista e capitalista. Não é à toa que os movimentos por luta por território vêm sendo criminalizados. A gente está vivendo essa criminalização de que somos os vadios que querem as propriedades dos outros. Eles têm muito mais a defesa da propriedade que a defesa da dignidade humana. Então acho que morar é um desafio. Vou passar para Maura para ouvir sobre esse morar no Centro Histórico...

Maura. No Centro Histórico, nós do movimento sem teto da Bahia temos sete ocupações. Nós temos todas as formas de morar. Cada casarão, vocês vão obter falas incríveis. O mais forte para mim é a resistência dessas pessoas, porque o processo de centro histórico é de expulsão, gentrificação, há anos. Eu sempre digo, porque não é só a casa, mas é uma história, uma história de vida naquele espaço. Na maioria, são mulheres negras ambulantes, somos trançadeiras, somos os sobreviventes.

O centro não emprega pessoas que moram lá. Tem um processo de crescimento, de restaurantes, de lojas, de etiqueta, mas isso não inclui as pessoas que moram nesse território, porque o processo é de expulsão. Eu tenho vários depoimentos de pessoas que relatam que o prédio era da avó, que cresceu dentro dele e foi posta para fora. Há muitas propostas para ir morar no Paraguari. As pessoas não querem porque trazem a experiência de já terem tentado ir para um outro território e serem expulso à noite, e de alguns corpos terem sido tombados lá, porque o genocídio da população negra é número de guerra. Não dá para sair desse território para ir para outro.

Então, o morar, as formas de morar são várias. Juliana trouxe muito bem, nem todo mundo tem banheiro. Nem todo mundo tem água na torneira. Então, formas de morar, eu diria em

uma única palavra: “resistência”. Nós sabemos que isso é coletivo, porque nós entendemos que se formos no individual, a gente não leva. Então essa luta é organizada mesmo a partir do que as companheiras trouxeram: da formação política. É a partir da reunião de mulheres, porque a cumeieira somos nós. Somos nós, mulheres negras, que queremos e precisamos de moradia, e só na luta que nós vamos impor o direito de estar nos territórios que nós estamos. Isso é a desordem que eu tenho dentro de mim, de revolução, sem medo de ir na contramão. A luta para mim é também um sinônimo de resistência. Eu vou contra todas as regras que são postas, porque esses acordos, eles não são para você. Nunca foram. Então, se nós não tivermos uma organização para realmente ir para cima, nada será nosso...E nós sabemos, que historicamente, nada foi, é tudo uma armadilha.

CEAS (ENTREVISTADORAS). Se para umas a “casa” é assegurar outros direitos, para outras é história de vida, ancestralidade e história de resistência cotidianas; é o direito às formas de sobrevivência, é segurança, é acolhimento, é afeto, é dignidade, é, por fim, estar na luta. Os atravessamentos entre gênero, raça e violência se dão no território e se expressam na condição de mãe na luta pela moradia, na dimensão da diversidade e especificidade das formas de morar dos corpos excluídos, dos corpos negros, de mulheres, da população em situação de rua e da população LGBTQIA+. Esta é uma reflexão, não uma simples pergunta. Fiquem à vontade para se posicionarem.

Sueli. População de rua são trabalhadores, são mães, mães solos, mães que sofreram violência doméstica, são crianças, são LGBTQIA+, são idosos abandonados, quando a gente fala em situação de rua, a gente precisa falar de pessoas que, por algum momento tiveram sua casa, mas que, por diversas questões perderam a sua casa, perderam a sua moradia. Cada um tem uma história, cada um tem um motivo que levou àquela situação, são vínculos familiares interrompidos, são diversas questões que levam a pessoa a deixar suas casas e ir para a rua.

Mas a pergunta é o porquê aquela pessoa está naquela condição, porque se você for perguntar às pessoas em situação de rua, o que elas querem é a sua moradia, é a sua casa, é um trabalho, isso é fato, e as pesquisas estão aí, os censos estão aí, que provam isso, a moradia é o grande motivo realmente que leva as pessoas a estar em situação de rua.

Quando a gente fala da população de rua, o que elas querem realmente é ter a sua casa para morar, ter a sua casa para descansar. Ter sua segurança, sua estabilidade, porque casa dá

estabilidade, dá dignidade. Aí você pega, vai numa unidade de acolhimento, pega 300 reais, você vai fazer o quê? Com 300 reais dentro de Salvador você vai fazer o quê? E aí quando você acha, são locais sub-humanos. Você vai viver de quê? Você não tem nada, você está num local de acolhimento e não conseguiu ter o resgate da sua cidadania, você não conseguiu ser inserido na sociedade novamente, não se fez nenhum trabalho para que aquela pessoa possa conseguir para tocar a sua vida minimamente.

Sandra. A casa Marielle atende mulheres em situação de violência. A gente entende que as moradias não têm condição de ser o que a gente pensa, porque essas casas-abrigos, na verdade, recebem mulheres na luta contra o processo de violência até três meses. A Casa Marielle Franco é uma casa de acolhimento para essas mulheres LGBTQs. A moradia não é como a moradia para as meninas que estão na ocupação. Para nós é um pouco diferente, porque também a gente tem que pensar como seria esse acolhimento para a população LGBTQ. Tem coisa que parece que é boba, mas não é, por exemplo, a questão do banheiro para as mulheres trans, travestis, e das não binárias.

A casa da Marielle está no centro, porque o centro é o lugar da movimentação dessas pessoas. O lugar do ir e vir dessas mulheres. Está tudo perto, é um lugar que elas se acolhem. A gente não pode estar em um lugar bem distante, que a mulher, ela tem que vir correndo para esse lugar. O processo dessas mulheres é pesado. A gente tem que aliviar um pouco e estamos no Centro, por causa disso. Isso também é um processo de luta. Esses corpos que estão na rua, nossa galera LGBTQ que está tarde da noite fazendo o programa têm lugar de vir descansar esse corpo da noitada. A gente tem que pensar na redução de danos.

CEAS (ENTREVISTADORAS). Na fala dessas lideranças, a luta pela moradia pressupõe mulheres em luta, mulheres negras na luta pelo território, explicitando os nexos entre moradia, comunidade e território.

Nadjane. Falar de moradia é entender aquilo que eu já tinha trazido anteriormente, que não é somente as quatro paredes. Quando eu morei na ocupação em Paraíso, era um barraco de madeirite, e eu me sentia muito mais segura. Eu não consigo ver proteção para minhas filhas dentro do Residencial Paraguai. Para mim, pensar moradia é pensar em segurança, educação e, principalmente, a valorização da vida. Pensar em moradia, é pensar em escola dentro do

residencial. A gente precisa entender que lá dentro precisa do posto de saúde. Pensar em moradia é pensar em todos os seus direitos que acompanha a moradia. Como é que você vai assegurar a vida de quem está morando dentro da casa? Quantas mulheres vêm tombando? De estar ali, insistindo em morar naquele lugar, mas que a moradia custou o sangue do seu filho. Moradia para mim é você pensar no Bem Viver. Assegurar todos os direitos, principalmente de ir e vir, e o direito à vida que vai ser violada a todo momento, principalmente em Salvador.

Ana. Aqui, a gente fala de formas de morar, pegando a Gamboa, comunidade pesqueira, voltei para minha infância. A gente vivia numa casinha de dois vãos com seis meninas e mais um monte de homens, pescadores que vinham para Gamboa e terminavam morando nessa casinha, e vivíamos como irmãos...E essa forma de morar, nessa pequena casa, todo mundo era família, se conheciam e todos se respeitavam. Eu acho que essa forma de morar, é a forma que a comunidade da Gamboa sempre teve. Aquela casa era um espaço de moradia, não só para a minha família, mas para os que chegavam e eram acolhidos e compartilhavam o mesmo modo de vida, reforçando a Gamboa como uma comunidade pesqueira.

Então, na Gamboa, nós sempre tivemos uma forma boa de morar, onde as pessoas se conheciam, onde a cultura da pesca, ela estava tão viva, tão viva, que não é natural quando a gente não consegue ouvir as vozes dos pescadores às quatro horas da manhã. Não é natural não poder sentar nas pedras até a madrugada, e passar a noite. Então, essa é a forma de morar que é a mais real que nós temos, mais segura e mais adequada. É morar no espaço que a gente sente que é nosso.

Eu acho que a resistência, a manutenção da forma que a comunidade vive, do modo de trabalho, da relação familiar, de não perder os hábitos da cultura local. Essa resistência da manutenção desse modo de vida, desse modo de ser, é o conceito que eu tenho como forma de morar. A casa, o espaço das 4 paredes, ele é muito importante, porque é o local que você vem para o descanso, mas a territorialidade é o mais importante na forma de morar. Isso é tudo, isso que me mantém segura, é isso que garante a resistência e é isso que faz com que a gente diga, daqui eu não saio, daqui ninguém me tira. É o meu mar, eu sou um peixe e se sair do mar da Gamboa, eu morro, porque um peixe não vive fora d'água!

Luciana. Pensar nessa forma de morar é como o GRUMAP, o grupo de mulheres do Alto das Pombas, me provoca a ver. Mas para além de tudo, sentir a cidade, compreender as ruas, elas falam. Compreender que as ruas elas têm histórias fortíssimas, as ruas são memórias. Becos são memórias e é nesse lugar de frequentar os espaços, de escutar o que as pessoas estão dizendo. Eu penso, que cada uma vive a cidade de forma diferente, a partir do que senti.

É sentir aqui, lembrando, por exemplo, isso que Maura trouxe, de como o racismo atravessa os nossos corpos. Quando Lélia González escreve sobre o lugar do negro, ela está falando de uma cidade que é segregada racialmente. E olhar para Salvador, que é uma cidade majoritariamente negra, e ver os espaços que nós, negros, estamos ocupando, que são espaços de muita resistência e é muita resistência, mesmo! Porque se a gente não resistisse, a gente já não estava mais lá. A gente sabe disso. Então é pensar nesses espaços como corpo de resistência que continuam em marchas. Quando a gente está no Alto das Pombas, caminhando e escutando o que as pessoas estão dizendo, a gente está escutando o território. Pensar nessas formas de morar é reconhecer as lutas pelos territórios, que tem a ver com a nossa ancestralidade e como marcamos nosso território através do nosso corpo memória. É pensar a forma como cada mãe preta foi dando rasteira, porque a gente tomou muita rasteira do Estado, só que quem dá rasteira, também toma. Exemplos: as ocupações que a gente consegue lutar e garantir os espaços de pertencimento, como do centro antigo. Então, pensar e sentir o morar é, sobretudo, perceber que nossos corpos são diferentes. Eles têm muitas memórias. Mas elas estão ali coexistindo e se elas estão ali coexistindo é porque os nossos corpos-memória também nos permitem estar no espaço coexistindo, e, através dessas trocas, ali entre nós.

CEAS (ENTREVISTADORAS). Resistir diariamente nas formas de viver, no enfrentamento direto de dispositivos de violência, nas “rasteiras” dadas no Estado, na atuação junto ao Estado; mas é nessa condição que se formam e se recriam na luta, certo? Todas continuam no movimento e criam outros novos movimentos. As que já conquistaram a moradia se mantêm na luta, quer seja apoiando outras ocupações, quer seja criando projetos e coletivos, quer seja atuando na pós-ocupação. Nesse sentido, fica evidente que a luta não pode ser travada solitariamente, é uma luta de todas e é uma luta que se dá no dia a dia, uma luta de mulheres, em sua maioria mulheres pretas.

Rita. Porque, para nós, mulheres pretas, a casa vem com um gosto de sangue. Precisamos repensar a nossa disputa, porque a gente sobrevive do território. Ninguém vem pra cá me dizer que o modelo do “Minha Casa, Minha Vida”, que as pessoas vivem de forma sub-humana, e ela vai ter que pagar água e esgoto, é a resposta. Nós estávamos lá, numa ocupação de 120 famílias iniciada em 2009. Em 2018 saímos. O Estado nos procurou dizendo que é pra construir o Residencial Paraguari, nós não aceitamos aluguel, não aceitamos nada, e ficamos ao lado da obra para poder garantir inclusive emprego para aquelas famílias que estavam ali desempregadas. E é o sonho da casa! É o sonho da casa! Quando chega agora, a gente recebe uma punhalada. Foram entregues 81 unidades, mas deixaram 39 famílias de fora. E quem foi que não entrou? Nós, as mulheres. Mulheres com 4, 5 filhos. Então isso é algo que a gente tem que repensar a forma que nós estamos pensando esses critérios e esses modelos de moradia, que é muito importante para nós, mulher preta, porque a casa é a extensão do nosso corpo.

A gente tem que pensar de que forma nós estamos pensando esses modelos de moradia, que é muito importante para nós, mulher preta, porque a casa é a extensão do nosso corpo. Quando nós pensamos na moradia, nós não pensamos em nós, pensamos nas nossas crias e muitas vezes perdemos a nossa cria para poder conseguir essa casa. Mas que tipo de casa é essa que nós queremos? Aonde você não pode isso, não pode aquilo, que tem que pagar. Nós muitas vezes estamos desempregadas e cozinhamos de lenha, e quando você vai morar num apartamento, você faz o quê? Tudo isso tem que ser pensado!

A casa é muito importante para nós. Né? Mas ela vem com gosto de sangue. Porque nós estamos dentro de uma casa, vamos ter que pagar a mensalidade. Vamos ter que pagar água, luz, vamos pagar uma mensalidade, porque a casa é mercadoria, entendeu? Não é um direito, apesar de estar na Constituição. É o sonho da casa-bomba. Tira uma mulher do seu território, onde ela sobrevive ali, e joga no lugar onde ela não tem o mínimo de sobrevivência. Ela vai vender a casa dela e vai voltar para o mesmo local onde ela estava, e eu falo isso também falando em relação à população de rua. Nós precisamos ter o máximo de cuidado quando vamos pensar que forma de moradia nós queremos. Nós queremos a moradia pensada através do território onde nós pisamos, porque a sua cabeça está onde seus pés pisam.

Eu sou contra o projeto “Minha Casa, Minha Vida”. A primeira punhalada foi na ocupação de Escada, que as famílias foram para longe e desorganizaram as famílias. Pensar a moradia é pensar coletivamente, através do território. Pra quê pobre quer morar em apartamento? Porque pobre planta, pobre cria bicho, porque pobre passa fome...

Depois de uma pausa para o almoço, o qual não interrompeu as trocas e conversas sobre vidas entrelaçadas na resistência e na luta, seguimos com outra rodada de falas.

CEAS (ENTREVISTADORAS). A moradia e o morar foram evidenciados em muitos significados: relações familiares, abrigo, base de outros direitos, vizinhança, hábitos, ancestralidade, cultura, modos de vida, território. Levando em conta essa diversidade de formas de morar e os desafios de garantia do direito à moradia, como vocês vêm pensando as estratégias e os caminhos para avançar nesta luta?

Maura. A estratégia é a educação, e a educação antirracista vem juntinho. Essa é a estratégia e condição política, porque o povo empoderado vai ficar mais fácil para a gente fazer o caminho das lutas. As lutas são o enfrentamento, e é contra quem esse enfrentamento? É contra quem diz que é dono de tudo, que Conceição Evaristo trouxe na poesia Vozes-Mulheres. Aquilo trouxe, aqui pra gente, os brancos donos de tudo. Então os caminhos da luta são os enfrentamentos, os questionamentos. Nós todas questionamos, não é só moradia. É a moradia, a saúde, a educação, é ser feliz. Depois que você entra na casa, os problemas começam. Para quem é essa moradia? A gente não quer só comida.

Luciana. O direito à educação, a gente começou lá atrás nos anos 80, quando o Grupo de Mulheres do Alto das Pombas (GRUMAP) se formou para lutar por creche. Hoje a gente está aqui, 41 anos depois, defendendo a escola, movimentando a Campanha “Declare amor à educação pelo Bem Viver”. Educação que a gente já está construindo pelo Bem Viver, que a gente acredita e que a gente está dizendo como ela é, e como é que a gente quer, e temos feito isso juntas. O nosso declarar amor à educação pelo Bem Viver é continuar a luta, que desde que a GRUMAP se formou para garantir minimamente que a gente tenha bens, serviços, uma vida digna, numa cidade que está sempre querendo nos colocar à margem. Porque a gente sabe o que é a margem. À margem, quando o nosso lugar é na centralidade, porque o espiral e mãos dessa cidade toda, cada casa construída, é nossa!

A grande estratégia da GRUMAP é chamar a comunidade para a luta. Só que nossa luta é pelo Bem Viver, contra o racismo estrutural, e aí o bicho pega, porque falar de racismo estrutural é difícil no Brasil, porque não são todos os corpos que são atravessados. Os corpos negros sofrem atravessamentos violentos, só quem vivencia sabe dizer. Enfim, essas estratégias perpassam todas as ações da GRUMAP, exemplo o podcast [Comunica Grumap], porque a gente está pensando nas escutas, saber como é que nós estamos aqui entre nós. Conversamos uma com a outra, trocamos experiências.

Rita. Eu acho que um dos caminhos mais importante é a educação. Deixar bem claro aqui que eu acredito na revolução e armada, mas não é todo mundo com a arma na mão, não, gente. Eu acredito com a arma do conhecimento. Precisamos fazer trabalhos dentro dos territórios. Essas são as nossas estratégias, pegar os nossos jovens e dizer que aqueles espaços, inclusive, pertencem a eles. Trabalhar em cima disso. Nós sermos os guardiões dessa juventude, porque são eles que vão levar à frente toda essa nossa construção. Pensando nos quilombos. Então, precisamos ter essa expertise, de fazer esse trabalho com a juventude dentro do território, pautado em cima dos quilombos.

O caminho da luta é a resistência, viu. Entendendo todas as dificuldades que nós, militantes, passamos dentro dos territórios, que não é fácil, porque para além de ser militante, somos mãe, somos mulher dentro do território. A gente vai ter nossas quedas e tudo, mas a gente está na resistência de luta.

Sandra. Para nós LGBT, principalmente, a estratégia da educação, a gente não tá falando de qualquer educação, ela também tira de nós todo o processo que foi dado, porque se você não tiver um comportamento dentro de uma sala de aula, esse sistema tira tudo de nós. Imagina que um corpo de uma mulher trans ou, então, do homem trans naturalmente ele é excluído, então não vai ter educação. Lá na casa, por exemplo, "**Ah ! Cês ganharam a casa!?**" Meu Deus, que sonho! A gente acaba fazendo uma política que é [obrigação] do governo do estado, porque o governo do estado não entende que nós precisamos de uma casa LGBT para dar segurança. O lugar mais violento para nós LGBT e mulheres é o convívio familiar. Recebo mulheres do Brasil inteiro, não recebo mulheres só daqui da Bahia.

Falando de território, estava lembrando disso, ver uma mulher do outro território, com cinco crianças, e a gente tem que dar conta dessa mulher que vem, porque não é só acolher essas

mulheres, acolher também a história delas. [...] Como é que você faz também com essa moradia, mesmo estando ali no Campo Grande, uma área que todo mundo já sabe? Você também vai conviver com aquela comunidade e falar assim, "*gente, aqui tem uma casa, viu?*", aí tem que conversar com os vizinhos também.

CEAS (ENTREVISTADORAS). A educação, a comunicação e os diálogos comunitários aparecem como importantes estratégias de mobilização e articulação comunitária nas lutas por moradia.

Ana Caminha. Primeiro essa articulação mesmo, com os pares. A luta do Centro a gente teve um momento em que a articulação era mais ampla, a Gamboa estava articulada com várias comunidades e ONGs, mas foi necessário se concentrar na luta de quem está vivendo a mesma realidade do Centro, o grupo que está sendo expulso, que não está tendo espaço de trabalho no seu local de moradia. Uma das principais estratégias da Gamboa para garantir a moradia no local foi, em conjunto com outras organizações sociais, criar a Articulação dos Movimentos do Centro Antigo de Salvador. Outra estratégia da Gamboa, que nunca deveria ter parado, foi quando começou a articulação das mulheres. A gente está investindo muito no grupo de mulheres, porque percebemos que foram elas que motivaram crianças e adolescentes, a exemplo de Joelma e Ruana, que vivenciaram a luta e hoje estão reativando o grupo, por entenderem que não dá para ficar parada, que é preciso lutar, não dá para ver uma comunidade desmobilizada e foi pensando nisso que a estratégia principal é focar nas mulheres.

Juliana. Pensar em estratégias dos coletivos de luta por moradia é, sobretudo, pensar o lugar dessa mulher nessa luta. É essa mulher que vem construindo essa cidade, principalmente a cidade de Salvador, construindo as ocupações, transformando esses vazios urbanos em comunidades, em conjuntos. Acho que é muito difícil para nós, principalmente no momento atual, que precisamos ter uma leitura também do contexto social que estamos vivendo nos últimos anos, e como nós vamos reorganizar a nossa luta a partir daquilo.

Os caminhos da luta é o caminho da luta popular, é pensar mais nas nossas ancestralidades. Como aconteceu, a luta não é nova, a gente vai continuar lutando. Mas há o processo de desigualdade social, e o conflito social ele só vem se exacerbando, se acirrando. Então, esses

caminhos da luta, reconhecendo que tem muita gente lutando em diferentes contextos sociais no Brasil todo, muitas mulheres lutando, fazendo uma luta, e muitas vezes isoladas. Eu acho que o que a Ana coloca, de pensar redes de apoio, redes para a gente se ver e se reconhecer nessas lutas. Mas acho que a nossa pauta passa por uma educação. Mas aí, que tipo de educação é essa? Maura trouxe a educação antirracista. Pensar uma educação organizada por nós, a gente também já tem acúmulo. A educação comunitária está aí, a pedagogia interseccional também, para a gente se debruçar sobre isso.

CEAS (ENTREVISTADORAS). *As falas apontam para a importância do fortalecimento das lutas por meio do reconhecimento de sua diversidade, do reconhecimento das diversas estratégias e caminhos, que se cruzam e convergem na busca por condições de vida melhores.*

Marli. A União tem como a maior estratégia de luta, no Brasil inteiro, a autogestão da construção da moradia. É aí onde a gente escolhe o terreno onde vai morar. Contrata o arquiteto, contrata engenheiro vai para cima na luta para conseguir o financiamento, passa anos. Essa é a nossa maior estratégia. Para fora, eu acho que é pressionar para que as legislações cada vez mais aumentem, mais avancem, na direção da reforma urbana, que é a nossa bandeira, que une todos os movimentos. Hoje estamos apostando tudo nos jovens, eu acho que é outra articulação que a gente tem. Também a articulação dos movimentos, estar junto com os movimentos em momentos em que sejam lutas comuns.

Sueli. A gente vem entender o que a gente precisa, e o “Moradia Primeiro”, quando a gente fala em moradia primeiro, a gente precisa pensar em todas as modalidades de moradia, mas quando a gente fala em “Moradia Primeiro” a gente sai desse modelo “etapista”, que você vai para a rua, vai para a unidade de acolhimento, pega o auxílio-aluguel, para depois ser encaminhado para casa. No “Moradia Primeiro” a primeira política que te acolhe é a casa, você já vai direto para casa, entendendo que com a casa as outras políticas vêm, mas a gente precisa de fato discutir moradia com a população de rua e pensar não somente no “Minha Casa Minha Vida”, não somente no “Moradia Primeiro”, mas em todas as modalidades de moradia porque é a grande questão.

Parece que a única política que a gente tem hoje de habitação, muitas pessoas até me questionam quando eu falo isso, mas é o que a gente tem mesmo, são os abrigos, que não é moradia e não dá dignidade a ninguém, pelo contrário, vira uma rotatividade. Entra ano, sai ano, e a gente está ali, mas as coisas, a questão da moradia, ainda continua sendo algo aquém, parece que a gente está enxugando gelo, e a moradia ainda continua sendo um mercado financeiro, um mercado, uma estabilidade para poucos. Então, a gente já vem debatendo nas reuniões a necessidade de se unir com outros movimentos sociais e discutir essas questões.

Nadjane: A gente só consegue avançar a partir do momento em que a gente deixe as nossas particularidades de lado, cada movimento tem sim sua particularidade, mas às vezes a gente luta pela mesma coisa, e aí a individualidade começa a quebrar, que a gente não pode apoiar. A partir do momento em que a gente trabalhar em aquilombamento, aí sim, a gente vai conseguir ter essas conquistas, como termo de estratégia. A gente está lutando por moradia, porque outros movimentos de luta por moradia também não poderiam apoiar? Se a gente fala de direito à vida, se a gente fala de enfrentamento à violação de direito, é nisso que eu penso, a partir do momento que se fala em estratégia. Não entendo quando se fala que a primeira estratégia é a educação, porque para acessar a educação, você tem que ter a sua garantia de vida. Tem todo um processo para garantir a vida dessa criança, desse jovem, que está ali dentro da comunidade, a educação, sozinha, ela não vai conseguir.

CEAS (ENTREVISTADORAS). São estratégias e caminhos de luta que conectam uma educação antirracista, comunitária, referenciada no saber popular, com pedagogia interseccional, que reconheça os corpos excluídos das pessoas LGBTQIA+, à formação política da juventude, e à articulação de mulheres negras e de comunidades em conflito. São caminhos que passam pela autogestão da produção da moradia, pela moradia como política prioritária de inclusão e pela implementação da Reforma Urbana. Considerando essa trajetória, quais são as conquistas? E o que vocês vislumbram como perspectivas futuras?

Maura. E a conquista? A conquista é essa, viver com dignidade. Que é viver com respeito, com qualidade de vida, comunidade do bem viver e o antirracismo. E os caminhos futuros é chegar a isso! A nossa grande sacada é deixar o mundo melhor para os nossos netos. Eu já estou nos netos! E para as outras gerações, que aí vierem, saberão que desde que

atravessamos o Atlântico, por isso é importante a atenção em todas as pautas, nós temos que falar de racismo e da educação antirracista. É porque, desde que atravessamos o Atlântico, os direitos são negados. É importante olhar com muita, mas com muita seriedade para o genocídio do jovem negro. É olhar mesmo, porque são números absurdos. E o feminicídio também.

Rita. Construir as comunidades do Bem Viver, que é muito importante. Mas hoje eu tenho uma preocupação muito grande, que é quem vai levar nossa luta pra frente. Do jeito que o Estado vem modelando, deixando que os nossos jovens vivam de uma forma sub-humana, sem uma educação de qualidade, sem nada para eles. É de extrema importância, em ter esse cuidado especial, tanto com os jovens, como para as crianças, que também são a geração futura. Porque a gente luta não é para nós, é para os que vêm, assim como os que vieram lutou para que nós estivéssemos aqui. Também tem que ter um momento nosso pra gente entender o companheiro, o autocuidado entre nós. Porque nós sabemos que vamos sair e também temos que ter muito cuidado com as nossas ações, porque estamos lidando com o território, com a juventude e muitos deles vão seguir nosso exemplo. Então a gente precisa ter muito cuidado.

Ana Caminha. E assim, conquista hoje é a Gamboa ser ZEIS! Vocês sabem quanto tempo a gente lutou para que respeitassem a gente enquanto comunidade de pescadores, eu nasci dentro de casa, minha irmã mais velha nasceu dentro de casa, e vou fazer cinquenta anos. A maior conquista que a gente tem hoje é respeitarem a gente, na nossa comunidade, nós sofremos a exclusão social e a violência causada pelo racismo, principalmente da polícia, e as violências institucionais que acontecem todo o dia, quando não dão assunto para quem nós somos. Conquista é ser reconhecida enquanto comunidade de pescadores no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador – PDDU/2016, incluída na Zona Especial de Interesse Social - ZEIS 5, que trata de comunidades quilombolas e tradicionais. Quando a gente conquista as ZEIS 5, isso significa que algo deu certo, quando a gente passou por um processo de reforma, quando a gente grita daqui não saio, daqui ninguém me tira. Eles queriam nos tirar, mas foram obrigados a transformar barracos de madeira em casa de alvenaria e de bloco. Isso é conquista. Quando a Joelma, a Ruana e a Tarsila, que eram meninas, jovens, dizem, hoje vamos planejar a luta juntas, cuidar das crianças, pensar qual

ação para Gamboa. Vamos resistir, persistir, para que a Gamboa tenha um nome: isso é Conquista!

Maura. Essa união [da Articulação do Centro] mencionada por Ana, é bem importante. Quando a gente também conquista a Ladeira da Conceição da Praia, quando a gente garante que o 2 de julho, Vila Coração de Maria, também está no processo de se tornar ZEIS. Então, as conquistas vêm! Aí não são eles que ditam, somos nós que vamos para o enfrentamento para conseguir.

Marli. Acho que como conquista, a gente tem esse “Minha Casa, Minha Vida Entidades” atual, que saiu muito melhor. A União local tirou para nossa estratégia no futuro, usar melhor o recurso do projeto social do “Minha Casa, Minha Vida Entidades”. Por isso que eu clamo aos movimentos: faça uma experiência, nem que seja pequena de 30 casas, porque você assina 2 contratos, um da construção da casa, e o outro de projeto social. Tentando lembrar da família no pós-ocupação, para além da família que vai morar. Pessoalmente, só quero que o nosso testemunho seja cada vez mais verdadeiro. E lembramos sempre: é melhor a gente errar junto, com todo mundo, do que acertar sozinha.

Nadjane. Conquista é quando a gente invade mesmo, mete o pé no Estado e diz que não aceita. Como a gente conquistou agora o dia 20 de junho como o dia municipal e estadual de enfrentamento ao hiperencarceramento da juventude negra, foi uma conquista do Coletivo Incomode juntamente com outros movimentos.

Sandra. A conquista, na verdade, é que a gente consegue ampliar mais, porque a gente não tem CNPJ. A gente fica se virando assim para pagar conta de água, conta de luz, eu fico lá na internet pedindo às pessoas. A conquista é que a gente tenha “*acué*” mesmo para receber essas mulheres com mais qualidade de vida.

Juliana. A conquista, sobretudo, é de continuar vivo, fazendo luta, a gente continuar aqui, resistindo, sabe, gritando, ecoando pela cidade, chamando as outras, fazendo uma união aí para estas conquistas. Pensar que a nossa conquista não é só o teto. Quando eu me apresento como Juliana sem teto, do movimento sem teto, e aí perguntam: isso aí é ser sem teto, você é sem teto? Eu continuo sendo sem teto, enquanto todo mundo não tiver teto. É porque a luta não é individual, a luta é coletiva! Não é porque eu tenho hoje uma casa, consegui sair da

ocupação, consegui ter acesso a outras coisas, que eu não sou sem teto. Eu continuo sendo sem teto: a minha luta é essa!

E os caminhos futuros, passam por nós, mas principalmente pela juventude que a gente está perdendo. A gente tem que pensar nas crianças e nos jovens. Eu tive dois irmãos assassinados, tive um primo assassinado, um sobrinho assassinado. Mas não é porque os homens da minha família foram assassinados, que a família de outra pessoa tem que passar por isso. Então a gente tem que aprender a ter consciência da luta, e a luta é nos mantermos vivos. O caminho futuro é a gente se manter vivo! Porque o povo preto, a mulher preta nesta cidade, neste país, o caminho dela só é lutar. A gente não tem outra escolha, não. Teve um curso de formação que a gente fez aqui até nesse salão e a gente perguntou: porque você luta? Aí uma das companheiras achou irônica a pergunta, e disse: mulher preta, pobre, não tem outra possibilidade que não lutar. Então, o caminho no futuro é a gente conseguir que mais pessoas tenham essa consciência e venham para a luta.

Luciana. O nosso futuro é o Bem Viver, a gente diz: nós somos mulheres negras em marcha por reparação e Bem Viver. Nossos direitos não são reconhecidos, os brancos, o tempo todo, querendo dizer que essa cidade não é nossa, porque o nosso espaço é negado, até para a gente conseguir defender e pensar nesses espaços nossos, dentro da favela, é muito estereótipo. O tempo todo, eles querem nos colocar para fora, então é estar dentro do espaço, pensando em caminhos futuros. Os caminhos que nos unem. Recentemente, uma irmã teve um sonho, e ela dizia que nesse sonho a gente estava com Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Beatriz Nascimento. Ela dizia, Lu, eu via cada uma dessas mulheres e a gente estava no Alto das Pombas marchando. Ave Maria! Axé!, eu disse. Ela pergunta, o que significa isso? Eu respondo, que a gente está no caminho certo. Eu acredito que os nossos caminhos se cruzam.

Na partilha contemplamos diversas conquistas, mas também a existência de muitos desafios! As perspectivas futuras anunciam a continuidade do caminhar no sentido de reparação para o povo negro, da luta pela garantia da vida dos jovens negros e por melhores condições de existência para a geração presente e futuras. E que os passos deste caminhar devem ser dados no compasso da solidariedade e do cuidado com as companheiras e os companheiros

de luta. Buscando, através da organização coletiva, conquistar direitos, manter modos de vida tradicionais, e efetivar o Bem Viver.

Esperamos que esse “fuxico-colcha de retalhos” seja parte do ecoar destas vozes, nos remetendo ao poema de Conceição Evaristo que abriu o encontro: do ecoar destas vozes de luta que recolhem em si todas as vozes silenciadas e engasgadas na garganta, o ecoar da insurgência dos gritos cotidianos em defesa da vida e da liberdade.

Por fim, resta o muito obrigada pelas partilhas de vida, do tempo e pelas provocações dadas pelos desafios da sobrevivência e da resistência enquanto formas de viver insurgentemente ancestrais.

Dados de autoria

Adriana Nogueira Vieira Lima

Doutora em Arquitetura e Urbanismo (UFBA). Professora de Direito na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Profa. colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. E-mail: adriananvlma@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3481-7970>.

Any B. L. Ivo

Doutora em Arquitetura e Urbanismo (UFBA). Pós-Doutorado no IESP/UFRJ. Atualmente é professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo/UFBA. E-mail: anyivo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2868-1867>.

Laila Nazem Mourad

Doutora em Arquitetura e Urbanismo (UFBA). Professora do Programa de Pós-graduação em Território, Ambiente e Sociedade da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Coordenadora do grupo de pesquisa Territórios em Resistência. E-mail: mourad.laila7@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4175-0089>.

Lysie Reis

Doutora em História Social (UFBA). Pós-Doutorado na Universidade do Porto. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET) e do Curso de Urbanismo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Extensão “Direito à Cidade” (GPDAC). E-mail: lysiereis@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0754-2780>.

Thaianna de Souza Valverde

Doutoranda em Teoria e Filosofia do Direito na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Teoria Social e América Latina (NETSAL-IESP/UERJ). E-mail: thaiannavalverde@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8182-6693>.